

MARCO EXTRAORDINÁRIO

EXTRAORDINARY MARCO

Humberto Werneck

Humberto Werneck
Jornal O Estado de S. Paulo

Nasceu em Belo Horizonte em 1945, é jornalista e escritor. Começou no jornalismo no Suplemento Literário de Minas Gerais. Mora em São Paulo desde 1970, onde já trabalhou no Jornal da Tarde, Veja, Jornal da República, Isto É, Jornal do Brasil e Elle. É colunista do jornal O Estado de S. Paulo e autor de O Pai dos Burros e O Santo Sujo: A Vida de Jayme Ovalle, entre outros livros.

Humberto Werneck
O Estado de S. Paulo Newspaper

Born in Belo Horizonte in 1945, he is a journalist and writer. Started in journalism in the Suplemento Literário de Minas Gerais. He lives in São Paulo since 1970, where he has worked in Jornal da Tarde, Veja, Jornal da República, Isto É, Jornal do Brasil and Elle. He writes a column for the newspaper O Estado de S. Paulo and is the author of the following books: O Pai dos Burros e O Santo Sujo: A Vida de Jayme Ovalle, among others.



RESUMO:

Em recente coluna publicada no jornal O Estado de S. Paulo, o jornalista Humberto Werneck fala sobre seu convívio com o autor Marco Antônio de Menezes, dando particular ênfase ao período em que foram colegas no Jornal da Tarde, de 1970 a 1973.

Palavras-chave : Marco Antônio de Menezes; Jornal da Tarde; Década de 1970; Homossexualismo

ABSTRACT:

In a recent column published in the newspaper O Estado de S. Paulo, journalist Humberto Werneck talks about his relationship with author Marco Antônio de Menezes, with particular emphasis on the period in which they were colleagues in Jornal da Tarde from 1970 to 1973.

Keywords: Marco Antônio de Menezes; Jornal da Tarde; 1970s; Homosexuality

MARCO EXTRAORDINÁRIO¹

Humberto Werneck

Não posso jurar, mas acho que foi o Antônio Portela quem botou nele o apelido de “Marco Extraordinário”.

O ano era o de 1972, auge da ditadura. Sob as botas de Garrastazu, em toda parte reboava, modalidade sonora de tortura, a marchinha que meu parente Miguel Gustavo, o mesmo do Pra Frente, Brasil da Copa de 70, compôs em louvação aos 150 anos do Grito do Ipiranga: “Marco extraordinário / sesquicentenário da Independência”, principiava a letra, e desembestava, ufana: “Potência de amor e paz, / esse Brasil faz coisas / que ninguém imagina que faz”. Fazia mesmo: pau de arara e maquininha de dar choque funcionando a toda nas catacumbas. Ninguém segurava, não digo este país, mas o carrasco-mor Sérgio Fleury.

Pois bem, na redação do *Jornal da Tarde* tínhamos o nosso Marco Extraordinário, na pessoa de alguém que, portador do prenome, era também merecedor do adjetivo, o Marco Antonio de Menezes. Viveria mais 20 anos antes de ser assassinado, aos 50, num episódio nunca de todo esclarecido pela polícia de Belo Horizonte, a cidade onde cresceu e onde acabou seus dias, depois de extensa temporada em São Paulo e outra em Nova York.

Extraordinário, sem dúvida. Penso nele e me vem o que disse Chico Buarque de Vinicius de Moraes, no belo documentário de Miguel Faria sobre o poeta: talvez não haja, no mundo de hoje, espaço para alguém como Vinicius. A observação me parece aplicável também ao Marco Antonio, com quem pude conviver por muitos anos, de maneira mais intensa no período em que fomos colegas no *Jornal da Tarde*, de 1970 a 1973. Nostalgia à parte, não consigo ver este amigo, tão solto, nada convencional, na moldura um tanto hospitalar das redações de agora, nas quais não só o fragor das máquinas de escrever foi substituído pelo mudo dedilhar no teclado dos computadores,

1 Nota do editor (NE): Publicado na Coluna Humberto Werneck no Estado de S. Paulo no dia 06 de setembro de 2016.

como também, para o bem e para o mal, já não há clima para a fuzarca de outrora.

A redação do *JT*, talvez como nenhuma outra, era uma festa, sem prejuízo do belo e ousado jornal que fazíamos, e nessa festa ninguém cintilava mais do que o extraordinário Marco – aliás, Meg, ou Meg O’Clinns, ou Meg tantas outras variantes, apelido autoaplicado, pois uma de suas muitas qualidades era a capacidade de rir de si mesmo, até para poder mais à vontade rir do semelhante. Quando baixou na redação uma febre de fazer haicais para mexer com os outros, o multitalentoso Marco, antes de disparar malícia e irreverência, tratou primeiro de tomar-se como musa: “Marco Antonio de Menezes / ele trabalha / às vezes”. Fosse um concurso, perderia apenas para o Guilherme Cunha Pinto, que assim versejou a respeito do futuro autor de *Chatô* e *Olga*: “Fernando Gomes de Moraes: / um gerúndio / e dois plurais”.

Homossexual escancarado num tempo ainda de armários cheios, Marco Antonio não hesitava em dar-se em espetáculo, divertindo a todos nós. Uma farda de recruta o mobilizava inteiro, menos para a continência. “Eles têm sempre 18 anos!”, argumentava. Em plena maratona para fechar o jornal, ninguém estranhava quando ele deixava sua matéria pelo meio para evoluir, como num palco, teatral que era por amor e formação, por entre as mesas, bulindo aqui com o colega, ali com outro. Lembro-me dele a colear, qual vedete em teatro de revista, rumo ao topo de uma escada de pedreiro posta ali para algum reparo, e de lá cantar, em caricatural avacalhação cívica, a musiquinha de um retumbante evento militar: “Expoex, / exposição do Exército! / Traga seus filhos, / eles vão adorar!”.

Encerrado o fechamento, íamos, um pequeno grupo, beber e comer no Picardia, bar e restaurante alegadamente espanhol no viaduto da 9 de Julho, do qual, não raro, saíamos quando chegava o pessoal do café da manhã. Vicente!, bradava o Marco Antonio, e o garçom meio pascácio lhe trazia três copos que bebericava alternadamente, repulsivo trio etílico – Campari, uísque e menta – que batizei de “semáforo”. Era alcoólatra, mas em anos de convívio nunca o vi com a voz pastosa. Em mais de uma ocasião, o salão estando cheio, ele saía de mesa em mesa, improvisado anfitrião a perguntar a cada um se estava bem servido. Uma noite, ao dar-se conta de que ao lado estava um grupo de ingleses, levantou-se e, para pasmo não só dos forasteiros, se pôs a declamar um naco de William Shakespeare. Quando, em nossa mesa, um adventício o chamou de Meg, O Percevejo Online | V. 9, n. 1 | p. 116-120 | jan. / jun. 2017

rugiu como o mais testosterônico dos machos. “Me respeite!”, tonitruou, “Meg, não” – e arrematou com voz adocicada: “Dona Meg!”.

Na redação como no bar, por vezes Marco Antonio desfiava hilariante sucessão de sonetos burlescos que fazia, sob o título geral Balangandãs d’Alma, inspirado em certo moço refratário a seus rogos de amor. Embora próximos, só depois de sua morte fui saber dos outros poemas que fazia, à sorrelfa e a sério, na sua intimidade de artista também da palavra. Que eu saiba, jamais publicou um dos versos que tenho agora sob os olhos, e em meio aos quais, aqui e ali, faíscam gemas poéticas como as deste Porto Vazio, reveladoras, quem sabe, de um Marco ainda mais extraordinário do que aquele que, ao vivo e em prosa, tanto nos divertia: “Tomada a estrada, que importa o porto? / Fica aos mofos e névoas, cenário morto / com esquecidas flâmulas, / trêmulas, num ar de cal”.